

**TRANSCRIÇÃO INTERPRETATIVA DO “DISCURSO SOBRE A
SIGNIFICAÇÃO DAS LETRAS HEBRAICAS” DE MOSES RAPHAEL
D’AGUILAR (IN: EH 48 A 11, PP. 57V-59V), COM INTRODUÇÃO E
NOTAS**

Rodrigo Pinto de Brito⁷⁰

**INTERPRETATIVE TRANSCRIPTION OF MOSES RAPHAEL D’AGUILAR’S
“DISCURSO SOBRE A SIGNIFICAÇÃO DAS LETRAS HEBRAICAS” (IN: EH 48 A
11, PP. 57V-59V), WITH INTRODUCTION AND NOTES**

Resumo: O presente artigo contém uma apresentação (com introdução e notas) e a transcrição interpretativa – i.e. a edição crítica de um texto na qual o editor transcreve a obra original, corrigindo os erros por conjectura (*emendatio ope ingenii*) (DUARTE [1997-], verbete, apud BORGES et al., 2012 p. 31) – do “Discurso sobre a significação das letras hebraicas”, de Moses Raphael D’aguiar, filósofo português de data de nascimento incerta, mas que foi um importante intelectual e membro ativo da comunidade sefardita de Amsterdã até sua morte, em 1679. Usamos como fonte para a transcrição o manuscrito EH 48 A 11 da Ets Haim Bibliotheek/Livraria Montezinos. O texto transcrito, que ocupa as páginas 57 verso a 59 verso de EH 48 A 11, apresenta as letras do *alefbeit* e conjecturas sobre seu significado místico, revelando um pensamento gramatical de fundo que se opõe simetricamente ao pensamento gramatical convencionalista que pode ser depreendido do *Compêndio de gramática* (1677), de Spinoza.

Palavras-chave: Moses Raphael D’aguiar. Pensamento gramatical. Transcrição interpretativa. “Discurso sobre a significação das letras hebraicas”.

Abstract: This paper contains a presentation (with introduction and notes) and an interpretative transcription – i.e. the critical edition of a text in which the editor transcribes the original work coorrecting errors by conjecture (*emendation ope ingenii*) (DUARTE [1997-], entry, apud BORGES et al., 2012 p. 31) – of the “Discurso sobre a significação das letras hebraicas” (= “Discourse on the meaning of the Hebrew letters”), by Moses Raphael D’aguiar, a Portuguese

⁷⁰ E-mail: www.rodrigobrito@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8898-0669>.

philosopher of uncertain date of birth, but who was an important scholar and active member of the Sephardic community in Amsterdam, until his death in 1679. For the transcription of the document, we used as source the manuscript EH 48 A 11 from Ets Haim Bibliotheek/Livraria Montezinos. In the transcribed work, which occupies the page 57 verse to 59 verse of EH 48 A 11, the author presents the letters of the *alefbeit* and hypothesizes about its mystical meanings, revealing a backgrounding grammatical thought which is symmetrically opposed to the conventionalist grammatical thought espoused by Spinoza in his *Compendium of the Grammar of the Hebrew Language* (1677).

Keywords: Moses Raphael D’aguilar. Grammatical thought. Interpretative transcription. “Discourse on the meaning of the Hebrew letters”.

i- Quem e quando⁷¹:

Moses Raphael D’aguilar, ou Aguylar, foi um filósofo provavelmente português ativo no séc. XVII, falecido em 1679⁷². Segue misteriosa a longa permanência de sua família em Portugal, mesmo após a ordem dada em 1496 por D. Manuel de que os judeus em território lusitano deviam ser convertidos ou exilados. No entanto, é possível que os Aguylar tenham externamente aderido à religião católica, mas preservado o judaísmo secretamente, tornando-se criptojudeus ou “marranos”⁷³, praticando sua religião na esfera doméstica.

Podemos, por outro lado, estar certos que Moses Raphael consta no séc. XVII como membro ativo e proeminente da comunidade judaica sefardita de Amsterdã, acolhido como exilado entre exilados⁷⁴. Comunidade composta por refugiados em decorrência da diáspora sefardita, causada pelas reviravoltas e convulsões sociais na Península Ibérica, cujos reinos eram notórios pela intolerância e crueldade no processo inquisitorial⁷⁵.

⁷¹ O autor do presente artigo gostaria de agradecer imensamente aos/às pareceristas pelas sugestões e correções.

⁷² Para uma biografia bastante detalhada de D’Aguilar, ver a excelente tese de MAGHIDMAN (2019, sobretudo pp. 63-131).

⁷³ Ver: WACHTEL, 2009; DI CESARE, 2021. Para mais sobre processo de assunção externa do catolicismo e posterior “retorno” ao judaísmo, ver também KAPLAN, Y., 2000 (embora lá o autor privilegie a figura de Isaac Oróbio de castro)

⁷⁴ Ver: KAPLAN, Y., 1996.

⁷⁵ Ver: POLIAKOV, 1996.

Como usual, tanto em decorrência do momento específico de Moses Raphael, quanto da sua situação de refugiado, a documentação sobre ele é escassa⁷⁶. Contudo, sabe-se que lecionou gramática hebraica e Talmud na Talmud Torá de Amsterdã, e que participou ativamente da fundação da primeira Sinagoga do Novo Mundo, em Pernambuco, tendo vindo para o Brasil acompanhado de Isaac Aboab da Fonseca⁷⁷ em 1642 e tornando-se provavelmente o primeiro *hazan* (cantor litúrgico)⁷⁸ das Américas⁷⁹.

Isaac Aboab e Moses Raphael D’aguilar estão entre os primeiros filósofos a aportar no Brasil⁸⁰, lecionando em Pernambuco temas ligados à teologia, filosofia da linguagem, pensamento gramatical, cosmologia e ética, além de literatura⁸¹.

Em sua carreira intelectual, Moses Raphael D’aguilar elaborou sistemas de índice onomástico ao Talmud (EH 47 B 28), escreveu poemas em hebraico (EH 47 C 30-31), comentou livros bíblicos e polemizou contra teólogos cristãos sobre o tema da imortalidade da alma (EH 48 A 11), da providência Divina (EH 48 A 09; EH 48 B 01), contra o dogma da trindade (EH 48 B 11) e a crença de que Jesus é o messias (EH 48 E 08). Toda esta intensa atividade literária, exemplificada aqui usando somente o acervo de manuscritos de uma única biblioteca (Ets Haim Bibliotheek, donde “EH”), revela um sujeito aberto ao debate, disposto às polêmicas, inteirado quanto às questões teológicas que grassavam pela Europa e que preocupavam judeus e cristãos (protestantes ou católicos) e, sobretudo, um “epistolófilo”.

Assim, tanto por sua atividade, quanto por seu ofício, e considerando ainda seu contexto histórico, geográfico e social, seria de se esperar que Baruch de Spinoza, contemporâneo e conterrâneo mais famoso de D’aguilar, tenha tido contato com sua obra, ainda mais considerando que D’aguilar foi componente do *beit din* que decretou seu anátema⁸².

⁷⁶ Sobre a relação de Moses Raphael D’Aguilar com outros refugiados e seu papel de liderança entre eles, ver: KAPLAN, Y. 1976. Vale ressaltar que, apesar da escassez documental, no que diz respeito ao estabelecimento dos judeus em Recife, incluindo arrolamento dos membros da comunidade, ver: WIZNITZER, 1953 e MENDES, 1975.

⁷⁷ Uma excelente biografia sua, ainda que resumida, pode ser vista em Jewish Encyclopedia: <https://jewishencyclopedia.com/articles/375-abraham-aboab#anchor9>.

⁷⁸ Ver: <https://jewishencyclopedia.com/articles/925-aguilar-aguylar-moses-raphaelde>.

⁷⁹ Há uma vasta e interessantíssima bibliografia a respeito dos judeus em Pernambuco, mas, aqui, vale referenciar: MELLO, 1996; VAINFAS, 2010; WIZNITZER, 1996.

⁸⁰ Ver: KAYSERLING, 1895, e também WEITMAN, 2003.

⁸¹ Uma abordagem detalhada das atividades dos judeus em Pernambuco e suas relações com as autoridades portuguesas e holandesas pode ser vista em RIBEMBOIM, 2023 e WOLFF, E.; WOLFF, F., 1989.

⁸² LEONE, 2014, p. 386. Para o significado e consequências do *herem* no contexto do séc. XVII, ver: KAPLAN, Y, 1984.

Agora, para o que nos interessa aqui, não obstante a questão da profundidade do contato entre os pensamentos de D’aguilar e de Spinoza, fato é que em sua filosofia da linguagem, que subjaz ao seu pensamento gramatical, eles vão em direções opostas.

ii- A questão do pensamento gramatical hebraico entre Sefarditas do XVII:

A expressão “pensamento gramatical” diz respeito àquilo que subjaz, como ideologia implícita ou explícita, às assunções que se faz ao se elaborar uma gramática⁸³. No percurso sefardita da Holanda do XVII, vê-se recrudesce o interesse por estudos aprofundados de língua hebraica, para a qual deveria haver gramáticas disponíveis⁸⁴. Tal recrudesce é explicado em parte pela possibilidade do retorno aberto às práticas judaicas proporcionado pela sensação de se estar em território relativamente seguro, graças à maior tolerância dos cristãos holandeses para com os judeus⁸⁵. Mas, para além do mundo judeu sefardita, cristãos, em suas intestinas batalhas teológicas (e *de facto*), passaram a recorrer à “língua primordial” dos textos da *Tanach* para referendar autoritativamente suas posições, o que também fez aumentar o interesse pelo aprendizado do hebraico⁸⁶.

Já neste sentido, o do público-alvo, os esforços gramaticais de Spinoza e de D’aguilar diferem radicalmente, pois o primeiro escreveu sobretudo para cristãos, e especialmente para protestantes, que de certo modo o acolheram após seu anátema⁸⁷; o segundo escreveu para a própria comunidade sefardita à qual pertencia⁸⁸.

Mas a oposição mais importante para nós entre os dois projetos gramaticais aqui em jogo é relativa às filosofias da linguagem das quais partem⁸⁹.

⁸³ Ainda está a ser pensada uma definição clara do termo “pensamento gramatical”. Mas a utilizamos aqui inspirados pelo trabalho de FREITAS (2016).

⁸⁴ Ainda que não trate especificamente do séc. XVII e se debruce sobretudo na figura de Saadia Gaon, o já clássico texto de DOTAN (2000, pp. 215-228) nos serve de guia aqui por propor uma vinculação entre tópicos que nos são caros: a emergência do pensamento gramatical hebraico, sua vinculação com a exegese bíblica e com a filosofia, notadamente a partir da recepção de discussões platônicas e aristotélicas acerca dos limites da linguagem e dos mecanismos da significação. Neste amálgama se dão as discussões sobre as origens da linguagem que acabam adquirindo diferentes nuances com o transcorrer do tempo.

⁸⁵ Ver os estudos indispensáveis de WILKE (2009) e de KAYSERLING (2017). Um belo retrato da comunidade sefardita de Amsterdã pode ser visto em NADLER (2003).

⁸⁶ Para as relações entre as disputas religiosas na Europa, desde Savonarola, com os debates e escolas filosóficas, notadamente o ceticismo, e suas consequências para a epistemologia, moral, teologia, pensamento gramatical e estudos bíblicos, ver: POPKIN, 2003.

⁸⁷ Sobre a muitíssimo controversa recepção da obra Spinozana, ver: NADLER, 2013.

⁸⁸ Como fica claro pelo próprio manuscrito transcrito aqui. Para mais, ver o interessante estudo de LEONE (2014, pp. 383-395) que precede a tradução de Jacó e Gita Guinsburg do *Compêndio de gramática da língua hebraica*.

⁸⁹ Sumariamente, seguindo ALSTON (1977), haveria três posições paradigmáticas acerca do funcionamento da linguagem em filosofia da linguagem (que podem inclusive ser amalgamadas): realista, mentalista e pragmática.

Assim, eu sua gramática, Spinoza parece defender uma espécie de posição convencionalista, segundo a qual a língua hebraica, assim como todas as outras, se desenvolve com o tempo, alterando-se⁹⁰. De modo que, no que tange às *Escrituras*, pode-se verificar a ocorrência de vocábulos e expressões inusuais, ou de transmissões conflitantes e até mesmo problemáticas de ideias. Assim, nesse aspecto talvez Spinoza inspire-se em Maimônides, que havia rejeitado a atribuição de termos antropomórficos a Deus – ou que, na melhor das hipóteses, defende que estes termos não devem ser interpretados ao pé da letra – assumindo que tais atribuições conduzem a perigosos equívocos⁹¹. Ora, isto é o mesmo que assumir que há um modo melhor, menos ambíguo, de expressar o conteúdo das *Escrituras*, mas que, no entanto, não foi empregado. Daí a preferência de Maimônides por Onkelos, que ao traduzir a Torá para o aramaico, acabou “corrigindo” as dubiedades do texto hebraico⁹². Portanto, em suma, Spinoza, hiperbolizando críticas de Maimônides aos usos de determinados termos nas *Escrituras*, acaba por defender as ideias de que: 1- a língua é convencionalista; 2- os termos usados são escolhidos, ora transformam-se, ora desaparecem, não raro permanecem, mas com diferentes significados; 3- as *Escrituras* não refletem um único texto primordial, mas diferentes tradições textuais compiladas por escribas (a hipótese Esdras)⁹³. É possível ainda que, para além do RAMBAM, a eminência parda detrás da redação da gramática Spinozana e que ajudou a engendrar seu convencionalismo foi a mesma que influenciou o projeto de Port Royal, cuja *Gramática*, redigida por Antoine Arnauld e Claude Lancelot, foi publicada pela primeira vez em 1660: o cartesianismo linguístico.

Em linhas gerais, estas posições derivam de concepções acerca da significação. Assim, a posição realista afirma que a significação ocorre devido ao fato de que as palavras espelham as coisas, havendo então uma espécie de defesa do espelhamento entre linguagem e objetos, cuja essência pode ser captada pela linguagem (daí esta posição frequentemente ser tratada como essencialista). Este nos parece ser o caso de D’aguilar no texto transcrito. Por outro lado, a posição mentalista defende que a relação entre objetos e termos se dá na mente. Já a concepção pragmática estabelece que o funcionamento do processo de significação se dá ou por repetição (e há posições comportamentalistas que flertam com o mentalismo), ou por “jogos de linguagem”, ou por hábito, ou por convenção. Esta última proposta, a convencionalista, parece ser a de Spinoza e de Maimônides que mencionaremos mais abaixo. Para uma explicação sobre como estas posições já estavam presentes nas filosofias da linguagem de origem grega e nela operavam, ver: MARTINS, 2011, pp. 439-473.

⁹⁰ Ver o supramencionado estudo de LEONE (2014, pp. 383-395).

⁹¹ No primeiro livro de seu *Guia dos perplexos* (2018), Maimônides discute exaustivamente diversos termos que podem levar a uma interpretação antropomórfica de Deus. Mas sobretudo, uma rejeição geral dos antropomorfismos está presente no capítulo 36 do livro 1; uma justificativa para o procedimento de rejeição dos atributos antropomórficos encontra-se no capítulo 55 do livro 1; já uma exortação à rejeição de todo e qualquer atributo positivo encontra-se nos capítulos 51 e 57, por exemplo. Para o problema dos atributos em Maimônides, ver: VERZA, 1998.

⁹² Há diversas passagens elogiosas ao *Targum* Onkelos no *Guia dos perplexos*, mas a título de exemplo remetemos o leitor ao capítulo 48 do livro 1.

⁹³ Para as relações entre o pensamento gramatical Spinozano presente em seu *Compêndio* e as teses que ele defende no *Tratado Teológico-Político*, ver o já mencionado estudo de LEONE (2014, pp. 383-395).

A abordagem de Spinoza acerca das *Escrituras* e as conclusões a que ele chegou forneceram um imprescindível subsídio para o advento dos “Estudos Bíblicos”, de viés científico, e ainda hoje influenciam interpretações judaicas sobre a Torá⁹⁴.

Por outro lado, a também influente abordagem de D’aguilar parte de pressupostos antagônicos, pois para ele a língua hebraica emana de Deus, que a ensinou a Adão para que ele nomeasse as coisas criadas. Ela deve ser conservada imutável, tanto quanto possível, por ter sido nela que a Torá foi escrita, por Moisés e de acordo com os desígnios Divinos.

A posição de D’aguilar acerca da língua hebraica, diametralmente oposta à de Spinoza, é derivada não de Maimônides, mas do Cabalismo⁹⁵, que considera que Deus primeiro cria a partir das letras do *alefbeit*, que servem como que tijolos da criação, ordenada por meio de palavras a manifestar-se⁹⁶. Mas também, pode ser que a filosofia da linguagem que subjaz e fundamenta o pensamento gramatical de D’aguilar seja em parte derivada do neoplatonismo judaico-alexandrino de Fílon, em uma transformação de Adão no *nomotethes* platônico, talvez seguindo as pegadas do *Crátilo* e do *Timeu*⁹⁷.

Resta dizer que, assim como ocorre com Spinoza, as concepções de D’aguilar sobre a língua hebraica estão vivas no seio do judaísmo⁹⁸.

iii- Sobre o manuscrito⁹⁹

⁹⁴ Como aquelas que podem ser vistas na abordagem proposta pelo *Chumash* de Gunther Plaut (2021).

⁹⁵ Para mais sobre o cabalismo de D’aguilar, ver: JUDENSNAIDER (2011) e GOLDFARB & JUDENSNAIDER (2008). No entanto, vale salientar que, de acordo com Maghidman: “... Aguilar é reconhecido como um autor de obras normativas e mesmo práticas. Entre seus predicados não há menções a ele se referindo como místico, pelo contrário, uma das controvérsias que haverá entre ele e Isaac Aboab da Fonseca, este sim um cabalista, será justamente acerca desse veio de estudos esotéricos. É certo que Aguilar pertenceu a grupos de estudos profundos como os de Mortera e possível que tivesse interesse neste campo de investigação, porém não é notório seu lado místico, nem mesmo sua produção literária versa sobre o tema.” (MAGHIDMAN, 2019, p. 68). Apesar disso, em nota ao trecho citado anteriormente, Maghidman acrescenta: “Talvez o único texto do qual se possa afirmar algum interesse sobre o misticismo seja o *Discurso sobre a significação das Letras hebraicas*.” (MAGHIDMAN, 2019, p. 68, n. 98).

⁹⁶ Ou seja, a posição de D’aguilar não é inédita no que diz respeito ao pensamento judaico, pois encontra precedentes, por exemplo, no *Sefer Yezirah*, no *Sefer ha Bahir* e no *Alfabeto de Rabi Akiva*. Para mais, ver: SCHOLEM, 1999.

⁹⁷ Para GUTTMAN (2017, pp.41-53), a influência de Fílon não parece ter perdurado. Uma opinião oposta, que requalifica o impacto do estoicismo e do pitagorismo (potencialmente transmitidos por Fílon, embora não exclusivamente) pode ser vista em SCHOLEM (2021, pp. 35-46). No entanto, para além da controvérsia sobre o impacto de Fílon dentro do judaísmo, há estudos exaustivos que demonstram a infiltração de pensamento neoplatônico no cabalismo em Amsterdã na época de D’aguilar, como fica claro pelo caso da *Puerta del Cielo*, de Abraham Cohen de Herrera (ver: BRITO, 2015; BRITO, 2026; BELTRÁN, 2015; DEL BUFFA, 2010; KRABBENHOFT, 2002).

⁹⁸ Um bom exemplo se encontra em RASKIM (2011). Para mais sobre as relações entre cabala e linguagem, ver: SCHOLEM, 1999.

⁹⁹ Há ao menos outras duas versões do texto de D’aguilar que ora transcrevemos: uma resumida (LIPINER, 1992), outra completa, presente em WEITMAN, 2003. p. 133- 155. O mérito de Weitman é apresentar o fac-símile do

O texto a seguir é uma transcrição interpretativa que, como tal, consiste na

edição crítica de um texto de testemunho único; nesta situação, o editor transcreve o texto, corrige os erros por conjectura (*emendatio ope ingenii*) e registra em aparato todas as suas intervenções. [2] Edição de um texto de testemunho único ou de um determinado testemunho isolado de uma tradição, destinada a um público de não-especialistas: para além da transcrição e da correcção de erros, o editor actualiza a ortografia e elabora notas explicativas de carácter geral (DUARTE [1997-], verbete, apud BORGES et al., 2012 p. 31).

Assim, tomamos por base o manuscrito EH 48 A 11 da Ets Haim Bibliotheek, datado de 1679 e que contém uma série de tratados de Moses Raphael D’aguilar escritos em português e espanhol antigos e galego, com citações em hebraico e latim, bem como cartas, sobretudo endereçadas a Isaac Oróbio de Castro (1620-1687)¹⁰⁰. De modo geral, o manuscrito é bem conservado, encadernado a couro no séc. XVIII, contém algumas páginas numeradas e assinaturas do autor ao final de algumas cartas, tratados e respostas. A quantidade de linhas por página é irregular, há alguma escrita cursiva sefardita em uso e também diferentes caligrafias ibéricas cuja leitura seguiu moldes propostos por ANDRADE (2008/2009) e BERWANGER & LEAL (2008). Para decifração de abreviaturas usamos FLEXOR (2008).

A numeração das páginas encontra-se entre colchetes, seguindo o modelo “colchete, número arábico da página e discriminação frente/verso”, assim, por exemplo “[57v]” (onde “v” significa “verso” e “[58f]” (onde “f” significa “frente”). Também utilizamos colchetes para sinalizar acréscimos ou partes incompreensíveis e corrompidas do manuscrito. Neste último caso, entre colchetes foi proposto um vocábulo, não obstante a dificuldade em compreendê-lo, adicionando um “?”, por exemplo: “[quebranto?]”.

Desejamos a todas e todos uma boa leitura e agradecemos à Ets Haim Bibliotheek/Livraria Montezinos que, na pessoa de sua curadora, Heide Warncke, gentilmente nos concedeu acesso a este e a outros manuscritos digitalizados em pdf.

iv- MOSES RAPHAEL D’AGUILAR: (IN: EH 48 A 11, PP. 57V-59V

manuscrito no qual se baseia, no entanto, não explicita a metodologia para a sua transcrição e adaptação ao português moderno, tampouco para a “decifração” das abreviaturas contidas no texto original.

¹⁰⁰ Ver: <https://jewishencyclopedia.com/articles/4132-castro-de-family#anchor2>.

[57v] Bem considerado, acharemos que não somente as letras Hebraicas têm cada uma delas por si¹⁰¹ seu sentido, mas ainda ajuntadas umas¹⁰² à[s] outras.

א

Primeiramente, a א significa “Deus”, e isso por várias significações, a saber, por exemplo, enquanto na cifra hebraica vale um, e assim Deus é um em simplíssima¹⁰³ unidade, e é também o primeiro ente. Em segundo lugar¹⁰⁴, enquanto escrita com suas letras diz אלף – *Aleph*, que quer dizer “doutrinar”; e assim Deus é a primeira verdade, da qual procede toda a ciência.

Em terceiro lugar¹⁰⁵, *Aleph* se diz na cifra Hebraica mil – 1000, que é o fim do número, com significação de que Deus é o princípio e o fim de todas as coisas. Quarto, quando lidas, estas letras do fim para o princípio dizem פלא – *Pele*, “admirável”, e este é um dos atributos que se dão a Deus. Quinto, quanto à figura, a qual sendo esta א, forma uma linha com dois pontos que simbolizam a ו – *Vau* e dois י – *Iod*, e segundo a cifra Hebraica valem 26, e tanto vale o nome Tetragrammaton.

ב

O *Bet* – ב na cifra vale dois, e significa, com suas letras escritas desta forma בית – *Beth*, “Casa”. Isto é, que do um que é Deus procedeu e foi segundo o mundo. Mas enquanto esta casa do mundo tem sempre necessidade do concurso da divina assistência, tem o mesmo ב (já que é em figura uma casa com sua porta aberta na frente¹⁰⁶), uma ponta para trás mostrando a dependência que tem sempre de Deus.

Depois disso se significam nas mesmas letras as virtudes que são Causa [de] que o mundo se sustenha: e primeiro [tratadas morais?], a saber:

ג

Guimel, escrito com suas letras – גמל significa “galardoar¹⁰⁷ mercê”: isto é, obras de Caridade, dando aos pobres daquilo que cada um Merecer, e por isso na figura há uma linha

¹⁰¹ “persi”.

¹⁰² “hũas”.

¹⁰³ “simplíssima”.

¹⁰⁴ “segundamente”.

¹⁰⁵ “terceiramente”.

¹⁰⁶ “de diante”.

¹⁰⁷ “gualardonar”.

reta com sua cabeça em cima, e um [traço] torto embaixo, representando que do que lhe vem do Céu deve depois repartir aos pobres.

[58f] ט

Depois segue o ט – *Daleth*, que escrito com suas letras [se] diz דלת, [isto] é “Pobre”, ensinando que a caridade se deve usar¹⁰⁸ com o pobre> também com estas significa “porta”, e por isto na figura ט demonstra[-se] que a porta deve ser aberta, como a de Abraham¹⁰⁹, para os pobres e forasteiros: e por que a esmola deve ser em segredo, e por isso tem o ט viradas as Costas para o guimel.

ה e ו

Desta segue a letra ה, a qual distingue da ט enquanto tem mais uma linha. Isto significa que a porta aberta deve ser com aproveitamento do próximo, dando-lhe algo na mão. E isto mesmo se encontra na significação da letra, que escrita assim הָ -He, diz “Eis aqui e é para ser usada” – הָא לך יטול – “eis aqui, toma”; הָא לְכֶם זֶרַע – “Eis aqui a vós a semente” – Gênesis 47:23¹¹⁰. Significa estaca, e a mesma figura demonstra, isto representa que em boa caridade devemos não só ajudar aos próximo depois de caído em pobreza, mas assisti-lo também para que não caia, servindo-se nisto da coluna que significa ainda, [como] demonstra a letra ו -*Vau*.

ז

Segue a ז -*Zain*: esta escrita com suas letras זי significa “arma”, e serve também para ajudá-lo com suas forças, como fez Abraham, por exemplo; também a figura sua é de espada com a maçaneta em cima.

ח

Het é figura de uma casa fechada¹¹¹, somente aberta abaixo, significa o que cerca sua casa em lugar de abri-la ao pobre e somente tem cuidado de recolher por baixo nos armazéns;

¹⁰⁸ “usar”.

¹⁰⁹ Mantivemos na transcrição a grafia usada pelo autor para referir-se aos personagens bíblicos.

¹¹⁰ No manuscrito a passagem nos direciona primeiramente a Gênesis 42:23, mas há claras evidências de correção do escritor, que grafou “7” por cima do “2” em “42”, oferecendo-nos finalmente a passagem correta: Gênesis 47:23.

¹¹¹ “cerrada”.

ao qual se lhe seguirá a pena, o que significa com suas letras חת: h, e, [quebranto?]; porque a riqueza que tem, e a tragadeira¹¹², será para seu dano.

ט

A ט -*Thet*. Com a seguinte letra acaba o primeiro período e conclui a sentença, porque ela é em figura de uma mão fechada, e significa com suas letras טית -*Teth*, representando quem fechar a mão de dar, tal resvalará e [se] inclinará para seu lado.

י

A letra י -*Yod* também conclui a sentença, dizendo que Deus o fará pequeno, de grande, como a letra י -*Yod* é a mais pequena de todas. Sua própria significação [é] escrita com suas letras: יוד significa as “mãos” que também têm dez dedos, conforme vale esta [58v] letra, com o qual juntando estas suas últimas letras se forma uma frase muito usada na Escritura, e é ומטה יוד – “e resvalará sua mão”¹¹³, que significa pobreza: e aqui se faz conclusão do primeiro período, que trata de como o mundo é sustentado pela Caridade.

A segunda coluna sobre que o mundo se sustenta é a Lei; e assim da letra seguinte começa outro período, que representa o que nele particularmente se deve advertir. E se quiser começar outra vez da [manuscrito corrompido] como fim das unidades e princípio das dezenas, também poderá dizer que significa a Lei, a qual se inclui nos dez mandamentos, dos quais saem todos os mais.

כ

É logo כ – *Caph* a que se segue e nela se inclui a primeira regra que se deve observar no estudo, que é a humildade; porque כף que dizer כפוף – “oprimido”, também há¹¹⁴ dois *Caph*, uma se chama כפופה – “curvada” e a outra פשוטה – “reta”, significando a humildade e a arrogância (a primeira se usa em princípio e meio de dicção, e a segunda só no fim, para demonstrar que o que no princípio e [no] progresso de seu estudo for humilde e oprimido, será no fim reto e eminente).

ל

¹¹² No sentido de “gula”, ou figurativamente de “despenhadeiro”.

¹¹³ Ver Levíticos 25:35.

¹¹⁴ “hay”.

À *Caph* segue a ל, que escrita em suas letras, למד, significa “ensinamento”, para representar que à humildade segue o aprendizado¹¹⁵, e por isso tem esta letra o pescoço alevantado, porque no estudo se deve procurar imitar aos grandes e melhores.

מ

Esta letra tem uma abertura em cima¹¹⁶ e outra em baixo, significando que o homem, depois de haver recebido a doutrina, a há de usar aos outros, comunicando-a: e por isso se chama מם -*Mem*, [de] que se deriva מים – “águas”, que se aplicam à ciência: הוֹי כָּל צִמָּא לכוּ לַמִּים – “Ó todos sequiosos, ide às águas”, Isaías 55:1.

ם

Mas porque se deve considerar o sujeito e não comunicar a ciência ao que não é benemérito, se segue a letra ם -*Mem* fechada: como diz Selomoh, “sejam para ti só, e não a estranhos contigo”.

נ e ן

A נ - *Nun* é o fruto que com a ciência se faz os filhos espirituais; porque נן significa “filho”, como também porque deste modo se esclarece o entendimento que também significa ינון שמו – “esclarecer seu nome”, Salmos [72:17]. A outra ן -*Nun* sendo a mesma letra, por [59f] ser estendida para baixo representa a continuação que se deve ter dos estudos.

ס

A ס - *Samech* quer com suas letras סמך dizer a “suficiência” e significa que o que isto fizer, Deus o bastará¹¹⁷ (ה סומך ידו) – “de forte que não caia”¹¹⁸; ou significa que [a]o homem em seus estudos devem bastar os bons autores¹¹⁹ (ou bem que aquele que professa¹²⁰ o estudo tem consigo a ânimo e sustento para a vida, pois que ele será honrado e animado e assistido).

ע e פ

¹¹⁵ “aprendimento”.

¹¹⁶ “riba”.

¹¹⁷ “suficirá”.

¹¹⁸ Salmos 37:24.

¹¹⁹ “se deve a sufir a bons autores”.

¹²⁰ “profeça”.

A ן – *Hain* significa com suas letras עין – “olho”, e a letra seguinte, *Pe*, com suas letras פה significa “boca”: quer pois dizer que primeiro veja com os olhos, e depois fale com a boca, e assim a ן é final das duas vias ópticas que saem do miolo e encontradas cada uma a seu olho. Também a פ – *Pe* se figura dos seus beijos, o de cima¹²¹ e o de baixo.

ף

A outra *Pe*, sendo diferente da primeira, a qual é encolhida; significa que a boca [é] umas vezes encolhida, outras estendida, considerando o quando e a quem e como se fala.

Aqui se termina o segundo período, que contém a segunda coluna que sustenta o mundo da Lei.

צ e צ

Segue o terceiro período, o qual é העבודה do serviço ideal, como se deve servir a Deus. Assim צ – *Tzadic* significa com suas letras צדיק – “justo”, e assim há o homem de procurar sê-lo. Porém, por ser que não deve fazer-se mais justo do que convém, como diz o sábio אל תהי צדיק הרבה – “não seas muito justo”¹²², por isso vem a outra צ – *Tsade* que escrita desta forma צדי significa “lado”: é que se deve fugir sempre dos extremos.

ק

A letra ק – *Coph*, com suas letras קוף significa “círculo”: isto é porque se deve o homem empregar no serviço daquele cujo conhecimento abraça todos os entes e circunda todas as coisas, que é Deus.

ר

A isto segue o prêmio das obras, significado nas três últimas; porque ר – *Res* significa cabeça. E quer dizer que o que tal fizer será pela cabeça e não pela cauda¹²³.

ש

¹²¹ “riba”.

¹²² Ecclesiastes 7:16.

¹²³ “cola”.

E tem que a *ש* – *Sin* deve ter três pontas, é que gozará dos bens deste mundo, dos do mundo das almas e da vinda do Masiah. E porque os tais bens metaforicamente se aplicam à comida nas Divinas Letras, assim *שין* – *Sin* quer dizer dente.

ת

Por último está a ת, que [é] escrita תי – “meta” ou “termo”, e aqui se significa o último termo a que pode chegar o homem que é [59v] ¹²⁴ תחיית המתים – “a ressurreição dos mortos”, donde gozará em corpo e alma, que também se representa, em que começa pela ת – *Tau*.

Sabida a significação das letras, cada qual lhes pode dar o sentido que quiser. Eu neste tenho¹²⁵ seguido aquela sentença dos antigos em *Pirque Abot*, Cap. primeiro que diz que o mundo se sustenta sobre estas 3 coisas: Caridade, Lei e Serviço ou Religião.

Os Antigos do Talmud dizem que aquela letra מ do alfabeto, a do meio que é מ – *Mem*, e a do fim que é ת – *Tau* formam um vocábulo que é אמת – *Emet*, “verdade”, o qual dizem [que] é o selo de Deus, segundo o [livro] de Jeremias: “A Deus [a] verdade”¹²⁶. Isto me parece que para a brevidade pretendida deve satisfazer por ora.

Finis.

v- Referências bibliográficas:

1- Manuscritos:

D’AGUILAR, Moses Raphael. *Discurso sobre a significação das letras hebraicas*. Manuscrito da Coleção Ets Haim = EH 48 A 11, PP. 57V-59V: <https://etshaimmanuscripts.nl/items/eh-48-a-11/>.

2- Bibliografia secundária:

AKIBA, Rabi. *Alfabeto de Rabi Akiva*. Barcelona: Ediciones Obelisco, 2018.

¹²⁴ No original falta um *iod*.

¹²⁵ “hei”.

¹²⁶ Difícil saber ao certo que passagem é essa. Provavelmente Jeremias, 10:10.

- ALSTON, P. W. *Filosofia da linguagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- ARNAULD, A.; LANCELOT, C. *Gramática de Port-Royal*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- BRITO, R. P. Apresentação e tradução das Proposições I-IX, Livro I, da *Puerta del Cielo*, de Abraham Cohen de Herrera. In: *Revista Prometeus*, ano 8, número 17, 2015. Issn: 2176-5960
- COHEN DE HERRERA, Abraham. *Gate of Heavens*. KRABBENHOFT, K (trad.). Leiden: Brill Academic Pub, 2002.
- _____. *La Puerta del Cielo*, texto integral e tradução italiana. DEL BUFFA, G. S. (trad.). Vicenza: Neri Pozza Editore, 2010.
- _____. *Puerta del Cielo*. BELTRÁN, M. (org.). Madrid: Editorial Trotta, 2015.
- _____. *A Porta do Céu. Livro I*. BRITO, R. P. (trad. & org.). São Paulo: Hedra, 2026.
- D'AGUILAR, Mosseh Rephael. Discurso sobre a significação das letras hebraicas. In: WEITMAN, Y. David. *Bandeirantes espirituais do Brasil: século XVII*. São Paulo: Mayaanot/Imprensa Oficial, 2003. p. 122-131. (Fac-símile e versão para o português moderno).
- DI CESARE, D. *Marranos – o outro do outro*. Belo Horizonte: Âyné, 2021.
- DOTAN, A. “The Establishment of Hebrew Linguistics/ Die Anfänge der hebräischen Sprachforschung/ La constitution de la linguistique de l’hébreu”. In: AUROUX, S; KOERNER, E. F. K.; NIEDEREHE, Hans-Josef; VERSTEEGH, K. *History of the Language Sciences/ Geschichte der Sprachwissenschaften/ Histoire des sciences du langage - HSK 18.1. Vol. 1*. Berlim/ Nova Iorque: Walter de Gruyter, 2000.
- FREITAS, F. *O pensamento gramatical de santo Agostinho*. Dissertação de mestrado em Linguística apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da UFJF como requisito para obtenção do Título de mestre em Linguística. Juiz de Fora, 2016.
- GOLDFARB, J. L.; JUDENSNAIDER, I. “Análise do Discurso sobre a significação das letras hebraicas nos seiscentos e sua possível influência nas concepções cabalísticas de Isaac Newton”. In: *FILOSOFIA E HISTÓRIA DA CIÊNCIA NO CONESUL*, 5 o., 2006, Campinas. Seleção de Trabalhos do 5o. Encontro. 2008: Roberto Martins et alii (Org.) 2008. p. 223 - 230.
- GUTTMAN, J. *A filosofia do judaísmo*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- JUDENSNAIDER, I. “A obra do rabino Mosseh Rephael d’Aguilar: o contexto renascentista e o drama da Inquisição”. In: *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 5, n. 9, out. 2011.
- KAPLAN, A. (trad. & org.). *Sêfer Ietsirá. O livro da Criação*. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2002.
- _____. (trad. & org.). *O Bahir*. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2019.

KAPLAN, Y. “The Role of R. Moshe d’Aguilar in His Contacts with Refugees from Spain and Portugal in the Seventeenth Century [Hebrew],” *Proceedings of the Sixth World Congress of Jewish Studies*. Jerusalem: 1976.

_____. “The social functions of the ‘herem’ in the Portuguese Jewish Community of Amsterdam in the Seventeenth Century”, *Dutch Jewish History*, vol.1, Ed. Jozeph Michman, The Institute for research on Dutch Jewry, Jerusalem, 1984, pp.111-155.

_____. *Judios Nuevos en Amsterdam, estudio sobre la historia social e intelectual del judaísmo sefardí em el siglo XVII*. Barcelona: Gedisa, 1996.

_____. *Do Cristianismo ao Judaísmo. A História de Isaac Oróbio de Castro*. Trad. Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

KAYSERLING, M. *História dos judeus em Portugal*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

_____. “The Earliest Rabbis and Jewish Writers of America”. *Publications of the American Jewish Historical Society*, No. 3 (1895), pp. 13-20.

LEONE, A. Prefácio à edição brasileira do *Compêndio de gramática da língua hebraica* de Barukh Spinoza. In: SPINOZA, B. *Obra completa IV: Ética e Compêndio de gramática da língua hebraica*. GUINSBURG, J.; CUNHA, N.; ROMANO, R. (org.). São Paulo: Perspectiva, 2014, pp. 383-395.

LIPINER, E. *As letras do Alfabeto na criação do mundo*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1992.

MAGHIDMAN, M. *Mosseh Rephael d’Aguilar: Origens da literatura judaica em português no Brasil holandês*. 2019. 242 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

MARTINS, H. “Três caminhos na filosofia da linguagem”. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, vol. 3. São Paulo: Cortez, 2011.

MELLO, J. A. G. de. *Gente da Nação: cristãos novos e judeus em Pernambuco, 1542-1654*. Recife: Massangana/FUNDAJ, 1996.

MENDES, D. F. *Memórias do estabelecimento e progresso dos judeus portugueses e espanhóis nesta famosa cidade de Amsterdam*. Amsterdam: Van Gorcum, 1975.

MOISÉS MAIMÔNIDES. *Guia dos perplexos (obra completa)*. HORWITZ, Y. F. (trad.). São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2018.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*, vol. 3. São Paulo: Cortez, 2011.

NADLER, S. *Rembrandt’s Jews*. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

- _____. *A Book Forged in Hell: Spinoza's Scandalous Treatise and the Birth of the Secular Age*. Princeton: Princeton University Press, 2013.
- PLAUT, W. G. *A Torá: um comentário moderno*. São Paulo: União do Judaísmo reformista da América Latina, 2021.
- POLIAKOV, L. *De Maomé aos Marranos: História do anti-semitismo: 2*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- POPKIN, R. *The History of Scepticism: From Savonarola to Bayle*. Oxford: OUP, 2003.
- RASKIM A. L. *A luz das letras no alfabeto hebraico*. São Paulo: Sêfer, 2011.
- RIBEMBOIM, J. *História dos judeus de Pernambuco*. Santo Amaro: CEPE, 2023.
- SCHOLEM, G. *As grandes correntes da mística judaica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- _____. *A Cabala e seu simbolismo*. São Paulo: Perspectiva: 2012.
- _____. *O nome de Deus, A teoria da linguagem e outros estudos de Cabala e mística judaica II*. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- _____. *Cabala*. São Paulo: Editora Campos, 2021.
- SPINOZA, B. *Tratado Teológico-Político*. AURÉLIO, D. P. (trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. *Obra completa IV: Ética e Compêndio de gramática da língua hebraica*. GUINSBURG, J.; CUNHA, N.; ROMANO, R. (org.). São Paulo: Perspectiva, 2014.
- VAINFAS, R. *Jerusalém Colonial: judeus portugueses no Brasil holandês*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010.
- VERZA, T. M. *A doutrina dos atributos divinos no Guia dos Perplexos de Maimônides*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento. Campinas, 1998.
- WACHTEL, N. *A fé na lembrança. Labirintos Marranos*. São Paulo: EdUSP, 2009.
- WEITMAN, D. (ed. e textos). *Bandeirantes espirituais do Brasil: rabinos Isaac Aboab da Fonseca e Mosseh Rephael d'Aguilar, século XVII*. Prefácio: Marco Maciel. São Paulo: Maayanot/Imprensa Oficial, 2003.
- WILKE, C. L. *História dos Judeus Portugueses*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- WIZNITZER, A. *Os Judeus no Brasil Colonial*. Trad. Olívia Krähenbühl. São Paulo: Pioneira/USP, 1966.

_____. *O livro de atas das congregações judaicas “Zur Israel” em Recife e “Magen Abraham” em Maurícia, Brazil, 1648-1653* (Anais da Biblioteca Nacional). Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1953.

WOLFF, E.; WOLFF, F. *Judeus em Amsterdã: seu relacionamento com o Brasil 1600-1620*. Rio de Janeiro: IHGB, 1989.

3- Obras de referência:

ANDRADE, E. A. Aspectos paleográficos em manuscritos dos séculos XVIII e XIX. In: *Filol. lingüíst. port.*, n. 10-11, pp. 149-172, 2008/2009.

BERWANGER, N. R.; LEAL, J. E. *Noções de paleografia e diplomática*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2008.

BORGES, Rosa et al. *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012.

COROMINAS, J.; PASCUAL, J. A. *Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico*. Madrid: Editorial Gredos, 1980-1984.

CUNHA, A. G. *Índice do Vocabulário do Português Medieval*, Vol. 1 [A]. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

FLEXOR, M. H. O. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo nacional, 2008.

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa, 1ª ed. 2 vol., 1952-1959.

4- Páginas da internet:

Jewish Encyclopedia: <https://jewishencyclopedia.com/articles/375-abraham-aboab#anchor9> (consulta em 09/07/2023)

Jewish Encyclopedia: <https://jewishencyclopedia.com/articles/925-aguilar-aguylar-moses-raphaelde> (consulta em 09/07/2023)

Jewish Encyclopedia: <https://jewishencyclopedia.com/articles/13964-spinoza-baruch-benedict-de-spinoza> (consulta em 09/07/2023)

Jewish Encyclopedia: <https://jewishencyclopedia.com/articles/4132-castro-de-family#anchor2> (consulta em 09/07/2023)